

Regr. 2-1-708

Dr. M. VILAÇA

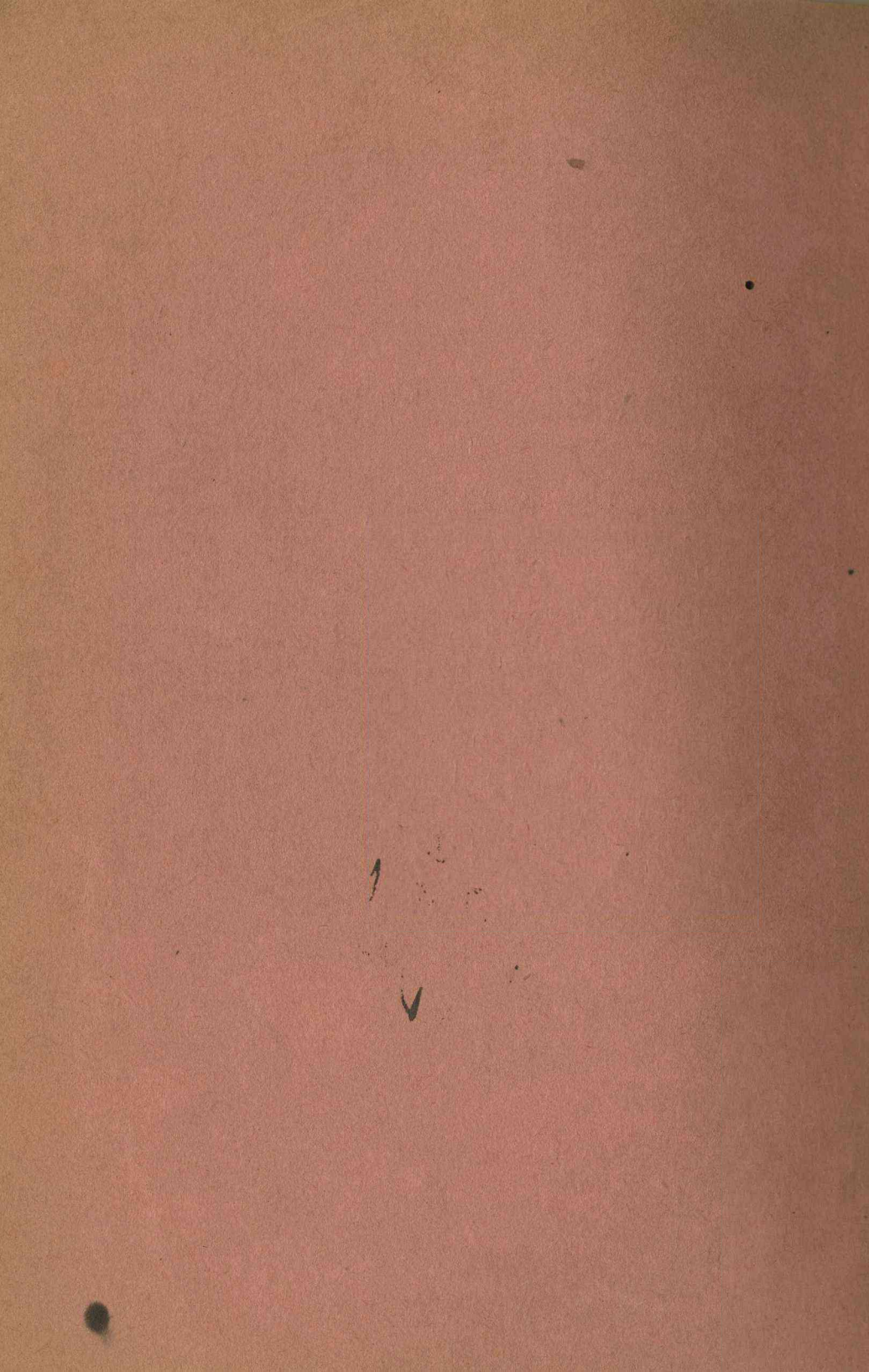
CRITICA AO LIVRO

“Dr. aqui está o seu chapéu”

SEPARATA DOS ANAIS DA SOCIEDADE DE
MEDICINA E CIRURGIA DO RIO GRANDE
DO NORTE. — ANO II — VOL. III :: :: ::



IMPrensa OFICIAL
1940



Dr. M. VILAÇA

CRITICA AO LIVRO

“Dr. aqui está o seu chapéu”

SEPARATA DOS ANAIS DA SOCIEDADE DE
MEDICINA E CIRURGIA DO RIO GRANDE
DO NORTE. — ANO II — VOL. III :: :: ::

*Dr. M. Vilaça
esportos anuais*

*M. Vilaça
30-12-40
N. Vilaça*

COMENTARIOS

CRITICA AO LIVRO "DR., AQUI ESTA' O SEU CHAPÉU"

(Do original americano "Doctor, here is your hat", de Joseph Jerger)

DR. M. VILAÇA

Não fosse eu assiduo leitor das magnificas crônicas do dr. Camara Cascudo, teria, talvez, perdido a oportunidade de ler o famigerado livro do dr. Joseph Jerger, ou o teria lido sem tanto interesse.

Tenho por habito não ler crônicas bibliograficas, artisticas ou cinematograficas. Isso porque, em qualquer desses setores da atividade humana, cada um sente o talento de maneira diferente, de acordo com o temperamento que possui.

Muita vez o critico consagra determinado film, e ao sair do cinema, a grande maioria o condena formalmente. Vezes outras o cronista de arte nem possui palavras para descrever o quadro Z do pintor X. Maravilha, arte inegalavel, talento genial, e tantas outras expressões que traduzem o extase de sua alma ao contemplar a obra prima do artista. Todo o mundo lê e todo o mundo corre para vêr o divino. E quando mostram o quadro vê-se a triste figura de u'a mulher cujo seio direito toca o quadril, enquanto o esquerdo parece um limão emurchecido, que tem elefantiose da perna esquerda e atrofia de todos os musculos da direita, que tem u'a mão acromegalica e a outra em forma de garra. Por cima de um ombro montado numa nuvem está um leão com ares de cordeiro; por cima do outro, um sol mais chanfrado do que a rosa dos ventos. Isso tudo em cores berrantes que mais salientam o grotesco do quadro. E' a arte moderna. Uns riem, outros ficam serios e calados, outros perguntam alguma coisa e vão saindo um a um, fazendo juizos os mais diversos do artista e do cronista. Mas não tem culpa o artista, nem o cronista, nem os outros. São temperamentos diferentes e não podem ver a vida através o mesmo cristal.

Por isso é que sempre procuro um amigo, cujo tempera-

mento muito se aproxime do meu, para auscultar sua opinião sobre assuntos dessa natureza.

Mas, a cronica sobre o "Doctor, here is your hat", era do dr. Camara Cascudo e eu não me quiz privar do prazer de lê-lo, como o faço diariamente. Quando terminei estava convicto de que o autor do livro era um magnifico charlatão, que desdenhava da medicina, como é comum a essa especie de gente. Isso porque, na época em que vivemos, o individuo que condena a especialização em medicina ou é um leigo a quem nunca explicaram o que é de fato um especialista, ou então, si é medico, está atrazado muitos anos, e quasi sempre de braço dado com o charlatanismo.

Entende muita gente que especialidade em medicina é o estudo exclusivo de determinado ramo da ciencia de Hipocrates, em detrimento de todos os outros. Não é possivel conceito mais tolo e afastado da realidade do que esse. Ninguem pode conhecer bem as partes, sem conhecer o todo. Não é preciso que venham dizer ao medico especializado que o organismo humano é u'a máquina cujo funcionamento depende de órgãos, cujas correlações são tão intrincadas, que para interpretar os fenomenos fisiologicos ou patologicos, necessarios se tornam conhecimentos geraes de materia medica. Todos nós sabemos disso. O especialista tem necessidade de estudar todos os ramos da medicina, para poder colher de cada um deles, os conhecimentos necessarios à sua especialidade. Claro é que somente se aprofundará sobre o que mais de perto lhe interessa. Mesmo porque seria de todo impossivel a qualquer medico a aquisição de conhecimentos profundos, que o habilitassem a exercer a policlinica, conciente e cientificamente. Razões ha que justificam esse modo de encarar o problema. Somente o medico que dispuzesse de muito dinheiro poderia adquirir livros e revistas que o trouxessem sempre em dia com o progresso científico. Ainda assim, não acredito que esse medico dispuzesse de tempo suficiente para ler toda a materia. Disso resultaria possuir conhecimentos geraes, porem superficiaes e mediocres, absolutamente insuficientes às necessidades da pratica diaria. Depois, para um polí-clinico, para um doutor "sabe tudo", que conseguisse superar

esses obstaculos, o que é humanamente impossivel, a instalação de um consultorio seria coisa para 400 ou 500 contos, o que não somente é irrealisavel, como encareceria sobre modo o preço das consultas, que passariam a ser privilegio de um numero resumido de pessoas.

Acresce que a especialização atingiu todas as atividades humanas. Basta lembrar que até os ministros de Deus se especializam. E' o caso dos oradores sacros. Somente pela cabeça de um maluco poderá passar a idéia de que esses sacerdotes não saibam dizer a missa ou batizar um pagão.

Num dos periodos de sua cronica o dr. Camara Cascudo escreve: "E' um volume que devia ser lido por todos os medicos e principalmente pelos especialistas (1). Especialistas em negrita. Não vi pejorativo nesse grifo. Sinal de respeito foi o que me pareceu. O autor da cronica, homem inteligente e culto, já deve ter lido as valiosissimas e numerosas contribuições que os especialistas têm dado á medicina, que somente com a especialização adquiriu maior base científica e maior progresso, saindo do marasmo em que se achava até o 3.º quartel do seculo passado.

Para não sair de minha propria casa, cito a pediatria que não era sinão um diminutivo da clinica medica.

Entendia-se que a criança era miniatura do adulto. Portanto para medicá-la bastava reduzir as dosagens. Infelizmente essa época já vai muito longe. A patologia infantil, até onde se fazia mistér, tornou-se independente, corporificando o mais bello de todos os ramos da medicina, porque alem de sanar a dôr e combater a molestia, ainda prepara as gerações do porvir, numa ansia incontida de torná-las mais fortes e mais aperfeiçoadas.

Não escondo que a cronica do dr. Camara Cascudo, deixou-me prevenido, de testa, como dizemos na gíria, com o livro do dr. Jerger. Por isso não o quiz ler, sinão agora, quatro meses depois daquela publicação.

Ha dias, quando entrava numa livraria vi o "Doctor here

(1) Todos os grifos são do autor deste trabalho.

is your hat" e não pude conter o desejo de adquiri-lo e lê-lo. Ante a referencia que conhecia sobre o mesmo eu o toquei como se fosse um tabú. Segurei-o respeitosamente, pensando comigo mesmo, que talvez esse livro tivesse para a medicina o mesmo papel que o livro de Clifford Beers teve para a neuropsiquiatria em particular.

Mas, infelizmente, a mediocridade do livro é gritante. Li-o com toda atenção e interesse, e, posso assegurar, para o medico, rara é a pagina que não dê motivo a um calafrio ou a uma gargalhada não menos estrepitosa do que as de Poppye depois de engulir bôa dose de espinafre.

O dr. Jerger não escreveu a apologia do medico de familia, como muita gente pensa. O seu livro é a apologia de si mesmo e um libelo contra todos os medicos do mundo: quer medicos de familia ou especialistas. Isso é bem visível no volume em que ele conta dezenas de casos clinicos, em grande parte dos quaes teve a oportunidade de entrar em contacto com outros colegas, medicos de familia ou especialistas. Todos davam a mão ao bôlo ao doutor sabichão que vivia a passar-lhes quinão e a corrigir-lhes as asneiras e os erros mais grosseiros.

Até na China, quando em viagem de recreio, de uma asentada desmoralisou quatro colegas, dois chineses e dois ingleses, que não haviam conseguido fazer o diagnostico de u'a apendicite supurada num magnata do Celeste Imperio.

O unico insucesso que ele conta no livro, não é insucesso, mas verdadeiro crime que um estudante dos mais atrazados não cometeria.

O caso foi o seguinte: uma cliente a quem o Dr. Jerger havia laparatomisado, no dia seguinte ao da operação, teve profunda hemorragia interna. O Dr. Jerger, depois de ligar a arteria que havia dado lugar a esse incidente, tentou reanimar a paciente com transfusões. O nosso heróe deu um quartilho de seu sangue e, como essa quantidade não fosse sufficiente para alcançar os fins desejados, apelou para os presentes. São palavras dele. "As irmãs ofereceram tambem seu sangue, e **uma onça de cada irmã foi injetada**". Isto tudo, meus colegas, sem a

determinação prévia dos grupos sanguíneos. O resultado não se fez esperar. A pobre senhora deixou quatro orfãos, que, certamente, terão sentido grande falta dos carinhos maternos.

O sabichão mais adiante escreve: "A perda sofrida por essas quatro crianças e a sensação de remorso que sombreou os meus dias e noites, não foram ainda bastante para apaziguar os fados". Três semanas depois morria o pai, vítima de um acidente." Essa confissão e o amparo que o Dr. Jerger diz ter dado aos orfãos, reabilitam um pouco o criminoso.

No segundo período do prefácio lê-se: "A minha especialidade por necessidade profissional é a cirurgia, mas prefiro ser conhecido como médico de família". Como aquele médico de "Loura Dolicocefala", de Pitigrilli, que sendo diplomado por duas Universidades e professor de Patologia Geral em Caracas, se fazia passar por charlatão, assim também o faz o Dr. Jerger, certamente porque é mais lucrativo.

Ainda no prefácio o autor afirma, com todas as letras, que o "médico de família é indispensável à comunidade e à nação". Nunca li coisa mais imbecil e imoral. No oposto dessa assertiva está a verdade dos fatos.

O médico de família, o charlatão diplomado, é o maior obstáculo ao progresso científico. Justamente nos países onde a especialização atingiu seu mais elevado grau, onde já existe especialidade dentro de especialidade, é que a medicina chegou a um grau de evolução jamais igualado. Como exemplos disso temos a América, a França, a Alemanha, a Itália, a Argentina e tantos outros.

Mas a raiva que o Dr. Jerger tem dos especialistas tem sua razão de ser. Um pouco mais adiante escreve o Dr. Jerger. "A classe médica, por instrumento da mania de especialização está como que apresentando o chapéu ao médico de família e apontando-lhe a porta". É a confissão da derrota. Não podendo enfrentar a concorrência dos mais capazes, o pobre médico de família, o "Dr. sabe tudo", que nada sabe, abandona o campo da luta, e vinga-se cobrindo de impropérios os seus honestos e fortes adversários procurando diminuir o seu valor com mentiras vergonhosas.

Deixando o prefacio passarei a analisar o "Dr., aqui está seu chapéu", até onde o permitam meus conhecimentos. Naturalmente muita coisa interessante terá escapado á minha argucia. Asseguro que fiz o possivel para surpreender todas as falhas desse livro incrível. Talvez os presentes cheguem a me achar massante. Se isso acontecer, peço sinceramente que antes do arrastar de pés e dos bocejos, digam-me com toda a franqueza que já estão cheios, e eu interromperei incontinentemente a leitura destes rabiscos, sem guardar dos colegas o minimo rancor.

A primeira parte do livro é dedicada á infancia do autor. Nessa época o dr. Jerger teve oportunidade de conhecer varios paises do mundo, em companhia de seu genitor, que era perito em pedras preciosas, trabalhando a serviço de Cecil Rhodes.

Nessa narrativa ha um trecho digno de comentario. É quando o autor escreve: "Em nossa casa, na Inglaterra, havia brilhantes por todas as partes. Eu brincava com diamantes, pedras, turmalinas, opalas e aguas marinhas, como se fossem pedacinhos de marmore ou tijolo". O progenitor do Dr. sabe tudo não tinha senso de responsabilidade profissional, pois entregava a brinquedos infantis, objetos de tão alto valor, que lhe eram entregues para tratamento conveniente.

Esse exemplo paterno influenciou a personalidade do Dr. Jerger.

Quando mais tarde se fez medico, e teve em suas mãos a mais preciosa e valiosa de todas as pedras,—a vida do proximo, tambem a viu como um pedacinho de marmore ou tijolo. É o que se vê claramente através a leitura de sua autobiografia. Sempre lhe faltou a consciencia científica, pelo menos nos casos que escolheu para incluir na historia tragi-comica que intitulou "Dr., aqui está seu chapéu".

Depois dessa fase o nosso homem, luta no Transwaal e finalmente chega aos Estados Unidos onde ingressa numa Faculdade de Medicina.

Durante sua vida de estudante o Dr. Jerger revela instintos baixos, culminando com a profanação dos cadaveres, ao ingres-

sar no curso de anatomia. Diz ele: **Eram prostitutas, pervertidos, assassinos, bebedos, indigentes de toda especie — (só co-nhego (uma especie de indigente) —** que chegavam ao fim de sua malfazeja perigrinação, fornecendo aos institutos de ensino anatómico o material de que eles precisavam, como se quizessem por esta forma resgatar em parte a sua divida”. Esse homem, meus caros colegas, ignora o **nosce te ipsum**. Ele não teve, como todos nós tivemos, o respeito áqueles corpos sagrados, verdadeiros degraus de ouro, na escada que galgámos para a conquista do titulo de medico.

Ele os violou sadicamente, num gozo doentio, próprio dos anormais e dos monstros. Isso se deduz facilmente, porque duas paginas adiante o Dr. Jerger escreve: “Não é costume **darem a conhecer** aos estudantes os **antecedentes** da pessoa cujo cadaver vai ser autopsiado”. Como então o nosso Dr. arranjou tantos atributos deprimentes e unicamente deprimentes, para aqueles corpos inertes e no entanto mais uteis á humanidade, do que muita gente viva e sadia?

Somente por um desvio da sexualidade, como naquele individuo que ficava em extase ao esmagar uma flor, é que se pode explicar aqueles adjetivos lançados ao **cadaver desconhecido**, a quem todos nós ouvimos os mestres entoarem hinos, em suas aulas inaugurais.

Alem de faltar ao Dr. Jerger esse sentimento sacerdotal, que preside todas as atitudes do medico ele ainda mostra profunda ignorancia em medicina, havendo páginas que deixam no leitor a certeza que o autor não é formado em medicina.

Citarei varios trechos do livro com ligeiros comentarios. Os colegas poderão, pelos mesmos aquilatar a mentalidade e carater do **Young Doctor**.

Já diplomado e clinicando ele se espanta porque um casal sadio e forte o procurára para curar um **filhinho aleijado e imbecil**. Em seguida, continuando o espanto escreve: “Conheci tambem páis sifiliticos e mães tuberculosas que deram filhos de esplendida saúde.” Esses dois fatos banais, que para um estudante qualquer teria explicação scientifica e facil, pelas leis de herança e pelo conhecimento da transmissibilidade das doenças

infecto-contagiosas in-utero, constituia para o Dr. Jerger um milagre digno de espanto.

A respeito de sua formatura o Dr. Jerger escreve o seguinte: "Recebi um pergaminho no qual a minha capacidade para curar os enfermos era plenamente declarada, mas não me convenci de que um estudante que praticára em corpos mortos, pudesse passar a mestre nos corpos vivos".

Pelo que escreve nesse periodo o Dr. Jerger confessa que nunca entrou numa enfermaria de clinica. Isso é inconcebivel, principalmente num pais como a America do Norte, onde o ensino obedece a uma orientação prática invejavel. O que parece é que o Dr. Jerger somente apareceu na Escola para pagar as taxas de exame ou talvez o tittulo. Cheguei a pensar num doutoramento por correspondencia. Só assim encontramos explicação para as barbaridades que cometeu na clinica.

O Dr. Jerger, segundo afirma conseguiu formar-se. Ele devia ter ilustrado o livro com uma gravura do diploma, para melhor convencer os leitores mais entendidos.

Titulado, candidatou-se ao lugar de interno num dos hospitais, tendo se submetido a concurso. Na cadeira de obstetricia o examinador perguntou-lhe:

— Jerger, n'uma apresentação de través com um braço avançado, como procederia?"

— "Eu não sabia. Não tinha mesmo a minima idéia daquilo. Estava com o bestunto tão vasio pelo medo, como se nunca tivesse estudado medicina, mas, como tinha de dizer alguma coisa abri a boca e soltei:

— A melhor coisa a fazer com a mãe e a criança... E fui saindo da sala divagar, com uma grande vontade de rir. A pergunta versava sobre uma anomalia pouco frequente em obstetricia; eu poderia ter respondido, mas o pavor da exhibição apavorou-me". Bela desculpa para uma ignorancia que o Dr. Jerger carinhosamente conservou por muitos anos e talvez a conserve até a morte. E' ele proprio que ingenuamente confessa ignorar os mais rudimentares conhecimentos de obstetricia, ao relatar dois casos de parto.

Eis o primeiro. Chamado para uma aldeia proxima, para

partejar uma primipara, o Dr. Jerger diz ter-se deparado com um caso de inercia uterina. São suas palavras: "Miss Moris fê-la dormir enquanto eu applicava o forceps. Nada pude adiantar. Fiquei tão incapaz quanto a parturiente". Sentindo-se fracassar o Dr. Jerger mandou chamar o **old hoc**, a respeito do qual falarei daqui a pouco, e para quem o nosso herói trabalhava como assistente. O **old hoc** ao chegar dirige-se ao seu pupilo: "O que ha filho? Você parece um cadaver". O **young doc** respondeu:

— "Inercia uterina, rigidez muscular, criança muito grande, **nenhuma dilatação**; já experimentei tudo". Estupidez como essa é quasi inacreditavel. Como poderia o **young doc** ter applicado o forceps quando não havia dilatação? Tanta ignorancia e estultice num só individuo é de pasmar.

Mas isso não é nada. A continuação do caso é simplesmente comica. **Old doc** examinou o caso e voltando-se para o Dr. Jerger perguntou:

"Você já experimentou a pitada?"

O Dr. Jerger não sabia de que se tratava, mas "para não dar parte de ignorante" disse que não.

— "Bem, então dê-lha". E o Dr. Jerger vendo o tempo correr pediu ao **old doc** para ele mesmo dar a pitada.

Então o Dr. Fullerton pediu um pouco de pó de pimenta do reino e soprando na face da parturiente, mandou-a tomar inspiração profunda. Seguiu-se um formidavel espirro, e a criança foi atirada na cama! Para u'a mentira como essa que vai de encontro a toda propedeutica e clinica obstetrica eu não tenho adjetivos.

Eis o segundo. Trata-se de um caso de eclampsia.

O Dr. Jerger diz "Mrs. Albers **nenhum sinal apresentava de trabalho de parto**, não obstante ter chegado o tempo certo. O seu facies prenunciava morte, não era preciso que o medico o dissesse. Auxiliado por pessoa da familia, removi a parturiente para a mesa da cozinha e procurei adormecê-la o suficiente para que se prolongasse o espaço entre duas convulsões. **Aplicuei o forceps** á cabeça da criança e lutei horas, com a senhora em convulsões; consegui finalmente a extração de um feto in-

chado como a mãe". Caso unico na literatura mundial. Sem o menor sinal de trabalho de parto o Dr. Jerger fez um **forceps**.

Como no caso anterior este tambem tem um complemento magnifico. Depois de cuidar da parturiente o Dr. Jerger volta-se para o recém-nato. "A criança, uma menina, chorava debilmente. **Limpei-lhe com um cateter a traqueia** e introduzi-lhe no intestino meio quartilho de leite quente, ao qual tinha adicionado uma colher das de chá de brandy". Nunca vi tanta desgraça junta...

Não é crível que um medico seja capaz de escrever tanta porcaria, confessando cinica e displicentemente erros os mais rudimentares. Ao recém-nato ninguem limpa a traqueia. O autor queria se referir ao faringe. E depois, a capacidade do estomago do recém-nato não vae alem de 25 ou 30 c. c. e no entanto o Dr. Jerger introduziu meio quartilho, isto é, 175 c. c. de leite e mais 1 colher das de chá de **cachaça**, isto logo no primeiro dia de vida, quando todo mundo sabe que deve ser de jejum absoluto, a não ser em casos excepcionais. O Dr. Jerger diz no intestino, mas não fala em clister. Mesmo que assim fosse não seria menor a barbaridade. Penso que em toda a terra o unico medico que desconhece isso é o Dr. Jerger.

Ainda interno no hospital, após aquele concurso que referi, no qual o Dr. Jerger conseguiu, não sei de que maneira, colocação que lhe permitiu ser nomeado, houve um caso ridiculo que põe em cheque mais uma vez a inteligencia e os conhecimentos do autor.

Destacado para anestesiari um doente, que seria operado por um cirurgião de nome Lewis, o Dr. Jerger assim relata o incidente: "A minha **vitima** — (quanta sinceridade!) — tinha caído no sono sem o minimo incidente, e eu muito satisfeito fiquei com a facilidade do sucesso. Tendo confiança na minha destreza, o instrutor havia saído do quarto, quando o Dr. Lewis gritou: — Mais eter! Eu depressa examinei o olho do paciente; **pupilas contraídas**, toquei-lhe no branco do olho e nem piscou.

— Não se pode dar mais eter.

— Eter! berrou alto Lewis, empinado e iracundo.

— Mas não pode ser, doutor. Os reflexos já se foram todos.

— Deixe-me ver. E fuzilou-me com o olhar.

— Retire essa mascara. Retirei e o Dr. Lewis deu uma gargalhada satânica.

— Você é um idiota; pois então não sabia que o olho direito desse doente era de vidro? Experimente o outro depressa.

Faltava ao Dr. Jerger o poder de observação, indispensável ao bom medico. Não ser capaz de fazer a distinção entre um olho natural e um artificial é coisa mesmo de idiota. O operador tinha razão. E o notavel anestesista disse que as pupilas estavam contraídas. Disse mesmo no plural: pupilas contraídas. Vamos lá que se seja idiota, imbecil, doido, mas querer fazer aos outros de tolo é demais. Ninguem de bom senso engole as invencionices mal engendradas do “Dr. sabichão”.

Mais adiante ainda no tempo de sua vida de medico interno ele fala de uma cocote que baixou ao hospital “por causa de um ganglio das costas da mão: uma bolsa de liquido, esferica, pequenina, quasi sempre proveniente de um tendão contundido”. Nunca li que houvesse ganglio nas costas da mão. Não é possível descrição mais pandega do que a desse tal ganglio. Quem será capaz de conceber o que diabo tinha essa mulher?

Terminando sua vida hospitalar, o Dr. Jerger se refere aos cirurgiões a quem serviu da seguinte maneira. “Alguns cirurgiões, já muito nervosos, nas pressas de terminar, falham na patologia e o paciente morre, outros são grosseiros na manipulação e nos ultimos retoques. A minha técnica cirurgica melhorava sem vacilações”. E um pouco mais adiante revela-se receioso de encarar a vida pratica, no que lhe dou razão. “Ter de tomar uma resolução, a minha familia a chamar-me com insistencia, uma noiva na America, dinheiro curtissimo e esse insanavel complexo de inferioridade que me tolhia, tudo isso constituia uma amofinação de fazer emagrecer”. A critica que ele fez dos chefes de clinica, e que já citei, pode bem servir para um juizo desse tal complexo de inferioridade. Durante todo o relato de sua vida o Dr. Jerger nunca deu a entender esse complexo. Ao contrario, terminando a leitura do livro, qualquer um

fará o diagnostico de paralisia geral e terá vontade de escrever ao autor aconselhando um exame de liquor.

Depois do internato o Dr. Jerger vai ser assistente de um medico de familia, Dr. Fullerton, de Warteloo, a quem atribue qualidades excepcionais, dando-lhe até prioridade de varias descobertas scientificas de nossos dias. Pelo que diz Dr. Jerger o seu chefe possuia até o dom de profetizar.

Deixemos o tal profeta para depois.

Um dos primeiros casos do Dr. Jerger, na clinica privada, mostra que ele continuaria por muito tempo e talvez até a morte desconhecendo comezinhas noções de medicina.

Chamado para ver u'a moça, depois de examiná-la diagnosticou apendicite em crise aguda. O pai da doente explodiu em improperios. A moça havia extraido o apendice um ano antes. O Dr. ficou desorientado. "Eu deji as desculpas esfarrapadas que pude, receitei umas pilulas laxativas", etc. Depois de diagnosticar apendicite em crise aguda medica um laxativo. Bela orientação clinica. A doente devia ter um abdomen agudo. De outra forma não seria possivel confusão. Mas o Dr. Jerger fazia diagnosticos, com a mesma convicção com que dava palpites na loteria. Alem de desprezar completamente a anamnese o nosso Dr. nem sequer teve sua curiosidade alertada pela cicatriz da incisão operatoria.

Agora um caso em que entra em cena o old doc (Dr. Fullerton), o bicho danado, o homem mais sabio do mundo no conceito do young doc (Dr. Jerger). Chamado para ver um sarampo o Dr. Jerger fez-se acompanhar do seu chefe. Quando chegaram á casa do doente, encontraram-no envolvido numa camada de algumas polegadas de esterco de cavallo. Old doc mandou retirar a cataplasma e aproveitando a oportunidade disse baixinho ao discipulo:

— "Não diga nada sobre o esterco".

Examinaram o doente e descobriram, alem do sarampo, uma pneumonia. Logo que os dois sabichões formularam o diagnostico a mãe do pequeno foi pressurosa buscar esterco mais novo e tornou a envolver o pobre enfermo naquela infundicie. Logo que saíram, o old doc procurou explicar porque havia lhe

ordenado que não falasse no esterco. Disse que no começo havia se revoltado contra esse e outros absurdos da medicação caseira. Mas resolvera mudar de tática, porque perdera muitos clientes e chegaram a considerá-lo idiota.

— “Porque destruir a fé numa crendice inofensiva, quando essa mantém o moral de u’a mãe aflita? Não se esqueça meu filho, que a despeito do nosso radicalismo contra os remedios caseiros, eles valem alguma coisa, porque se baseiam numa remota tradição. Não ha medicos que injetam o germen da malária para, com a elevação da temperatura dai proveniente debelarem (?) uma molestia que de outro modo poderia matar o doente? Eu não garanto que o efeito da vacina anti-difterica provenha de ser ela anti-toxica; pode bem provir de proteínas desconhecidas que, pela febre que provocam, exerçam ação curativa”.

Esse caso é prodigo em asneiras e mentiras. O old doc não teve pejo de dizer que o esterco de cavalo aplicado sobre o corpo de um sarampento era inofensivo. Acresce que o doente era portador de uma bronco-pneumonia. Calculem que crendice inofensiva... O sarampo sendo uma infecção exantematica pruriginosa, a gretajem poderia, abrindo solução de continuidade na pele, dar entrada aos bacilos do tetano que vivem habitualmente nos excrementos do cavalo.

Depois, esse incrível emplastro retirava ao paciente o ar puro tão necessario no tratamento das bronco-pneumonias.

Comentando tal terapeutica o Dr. Fullerton estabelece paralelo, não sei porque, com a malarioterapia e a vacinação anti-difterica. Essa historia se passou por volta de 1910, de accôdo com os dados cronologicos fornecidos pelo autor. Ora, nessa epoca, a malarioterapia não havia sido posta em pratica, nem tão pouco a vacinação anti-difterica.

A primeira somente foi usada em 1917 e a segunda em 1913. Muitas paginas adiante, o proprio autor referindo os inumeros casos de difteria que tivera diz: “Nessa epoca a vacinação anti-difterica ainda não estava em voga”.

Não é aceitavel que o old doc já falasse nas mesmas, alguns anos antes. Isso é uma das invencionices do autor, como

muitas outras que enchem o livro, para poder atribuir a esse tal Dr. Fullerton, sapiencia jamais vista.

Ademais ele fala em ação curativa da anti-toxina difterica. Para a epoca é muito. Somente ha 2 anos atraz é que se viu a possibilidade de usar a anatoxina com fins terapeuticos. Antes porem, tinha ação puramente profilatica. Depois de dizer outras bobagens o old doc entra a fazer comentarios sobre os remedios caseiros. São longos e eu resolvi enquadrá-los no programa da cadeira de medico de familia, que Dr. Jerger disse devia existir nas escolas. Mas sou obrigado a transcrever o periodo, chave de ouro desse comentario asqueroso.

— “A cada passo você verificará que a gente ignorante não se deixa enganar mais facilmente do que as chamadas classes letradas, e tem, com relação a estas, o melhor senso da conservação da saúde”. Esse periodo, por si só, define a medicina e a mentalidade dessa dupla de charlatães diplomados, que operou ha 30 anos atraz numa infeliz cidade americana, e um deles ainda está solto, apesar do livro que escreveu, enganando e explorando os coitados que têm a infelicidade de cair na sua arapuca. E continúa: — “Que seria de mim se tivesse de gastar uma ou duas semanas para formular um diagnostico”?

Somente o lado financeiro preocupava o Dr. Fullerton.

Pouco lhe importava acertar o diagnostico. Não podia era perder tempo, para assim atender a muitos doentes e ganhar mais. E o Dr. Jerger não tem pejo de confessar que eles, young doc e old doc exerciam a medicina como “verdadeiros apóstolos”...

Em seguida o “Dr.” Jerger despeja sua baba epiletica sobre a medicina moderna e os especialistas. Diz que os medicos modernos, especializados, não sabem fazer um diagnostico sem o indispensavel auxilio do laboratorio. Pensa o young doc que o especialista pede exames a torto e a direito até que algum forneça informações que permitam um diagnostico. Nós, medicos de hoje, infelizmente, solicitamos apenas os exames extritamente necessarios para confirmar um diagnostico ou afastar uma duvida.

E diga-se sinceramente que isso ainda não é medicina.

Nada porem podemos fazer. Os meios de que se dispõe atualmente para dosar o teor vitaminico dos diversos tecidos, o excesso ou a penuria desse ou daquele hormonio e tantos outros elementos indispensaveis para termos uma visão de conjunto do organismo enfermo, o mais possivel aproximado da realidade, são carissimos e um reduzido numero de serviços medicos é que podem adquirir-los. Si o medico fosse cercado de todos os aparelhamentos indispensaveis ao exercicio da medicina, rigorosamente scientifica, as possibilidades de erro seriam diminutas, quasi imponderaveis. Pois o nosso "Dr." condena tudo isso e quer que voltemos ao tempo em que o medico, envergando um fraque rabo de galo, punhos e colarinho durissimos, entreva na casa do doente, com um cerimonial proprio aos charlatães da idade media. Fazia duas ou três perguntas, via a lingua do doente, as fezes e a urina mesmo no vaso. Saculejava o termometro com um barulho de abotoaduras e punhos parecendo matraca na semana santa. Escanchava o pince-nez no nariz e lia a coluna de mercurio.

E, depois de exame silencioso, dando psiu ao menor arrastar de pés, voltava-se para os da casa com ares de sabio.

— E' **figado!** Não resta a menor duvida. O que o doente tem é **figado**. E nisso ficava o "diagnostico". Continuando, para mostrar a superioridade do medico de familia sobre os medicos especializados escreve: "Vi especialista do ap. genito urinario operarem como **pedra nos rins** o doente cuja radiografia **indicava um calculo biliar**. Estive em consultas e conferencias com cardiologistas que encontravam **oclusões de coronarias**, quando na realidade o que havia era **bilis na bexiga**." Não é blague que estou fazendo. Isso tudo está escrito no livro e com todas as letras. Semelhantes disparates só poderiam sair da cabeça de um louco.

Para nosso gaudio o autor confessa o seu charlatanismo e do seu chefe, o old doc, a proposito de quem o Dr. Jerger diz mais adiante: "Por duas vezes teve fama e fortuna ao seu alcance e quasi sem tomar conhecimento disso continuou no seu prazenteiro modo de viver, aplicando sempre com sucesso os

processos empiricos e intuitivos de sua experiencia." Por ai se vê, a medicina dessa dupla.

Depois de atacar a medicina moderna, Dr. Jerger se revela irresponsavel, pois a um charlatão é impossivel compreender o quanto de perfeito e belo existe no estudo da ciencia, de ha muito chamada divina.

A old hoc, esse pseudo-super-homem, o "Dr." Jerger atribue duas das descobertas mais importantes da medicina contemporanea: o tratamento pelo extrato de figado de algumas formas de anemia e o tratamento das feridas pela larva de mosca. Dr. Jerger conta no seu livro como travou conhecimento com esses processos terapeuticos através old hoc, que já as applicava silenciosamente.

Quanto ao extrato de figado ele relata o seguinte: "crianças imbecis, conduzidas por mães esgotadas eram clientes habituaes do nosso consultorio. Doc ouvia a narração das mulheres: o menino sempre agitado, irritadiço, sem dormir a noite inteira, perdendo peso. Depois de verificar a presença de vermes e deficiencias organicas, ele tirava da canastra, que por graça chamava a caixa de surpresas, uma garrafa preta, sem rotulo, e invariavelmente, recomendava á mãe do menino que, sempre que tivesse oportunidade, lhe desse um trago." Depois o old hoc disse ao seu pupilo, young doc, que o conteudo daquelas garrafas era extrato de figado. Quer dessa maneira o Dr. Jerger que a prioridade da terapeutica hepatica pertença a old doc. Vê-se que essa historia foi mal engendrada.

Ele diz que crianças imbecis eram clientes habituaes e que old doc depois de verificar a presença de vermes, receitava extrato hepatico, com que, diz mais adiante, "essas crianças adquiriam côr, engordavam, ficando completamente curadas."

Nunca ouvi falar no tratamento da imbecilidade pelo extrato hepatico. O que parece é que o Dr. Jerger não sabe o que é imbecilidade. Depois, a anemia de que ele fala é a anemia verminotica. Ora, sabe-se perfeitamente que essa especie de anemia é resultante de perturbação no metabolismo do ferro como já o provou a escola brasileira. Aos infestados pelos vermes intestinaes a medicação hepatica não poderia beneficiar.

Quanto a terapeutica pela larva de mosca, o caso que Dr. Jerger conta é puramente inventado. Chamados, ele e old doc, para atenderem um doente que havia sofrido fratura exposta da tibia, eles encontram a ferida cheia de larvas de moscas. O young doc pressuroso, preparou-se para livrar a chaga daqueles hospedes imundos, quando old doc interveio. "Espere um pouco, meu filho. Não fique nervoso por causa de uns bichinhos; não convem mesmo incomodá-los até que descubramos as razões **porque eles ai se acham. Estes bichinhos são inofensivos. Ha outros que destroem os ossos e destroem a vida: esses ai os atacam e, se forem vencedores, o doente se salvará, se forem vencidos o doente morrerá. Deixe os bichinhos entregues á sua luta. Não pense você que estou brincando com uma vida humana, meu filho. Esses bichinhos já têm salvo muitas vidas para mim e ainda salvarão muitas outras para você.**"

Esses dois casos parecem com as decifrações de sonhos feitas pelos viciados, depois que o bicho chega. E, ainda com toda a bôa vontade, quem aceitar essas historias, ha de ver um carater muito duvidoso nesses dois individuos. Duas descobertas, de tão alta significação, eles as guardavam ciosamente, mostrando um egoismo impar. Quando um medico vulgarisa um novo metodo terapeutico, não visa ele o seu nome publicado em jornais e revistas medicas.

O principal objetivo dessa vulgarisação é beneficiar o maior numero possivel daqueles que nos procuram em busca de alivio para seu males e suas dores. A maneira porque o escritor relata aqueles dois casos pelos quaes pretende atribuir ao old doc a prioridade de processos curativos tão importantes e os erros em que incorreu ao narrá-los, deixam bem claro não haver a menor sombra de verdade em tudo isso.

Numa das paginas do livro o Dr. Jerger diz que devia haver em cada escola de medicina a cadeira de medico de familia para que os medicos saisses mais capazes de enfrentar a vida pratica.

Agora que já conhecemos o decano dos medicos de familia, old doc e seu assistente, young doc, acho oportuno organizar

um programa dessa disciplina, que assim ficaria constituído de acôrdo com que pude colher no "Doutor, aqui está seu chapéu."

1.º Ponto — Tratamento do sarampo e suas complicações bronco-pulmonares pelo emplastro de esterco de cavalo.

2.º Ponto — Tratamento das infecções pelo emplastro de semente de linho pulverizado.

3.º Ponto — Tratamento da "inflamação dos olhos" com empacho humedecido de chá.

4.º Ponto — Tratamento do soluço pela inalação e exalação num saco de papel.

5.º Ponto — Tratamento das queimaduras pelas rodela de batatas.

6.º Ponto — Tratamento da "inflamação da garganta" pelo querozene aplicado com uma pena de galinha.

7.º Ponto — Tratamento das "bronquites" pela mistura em partes iguaes de whisky, mel e manteiga.

8.º Ponto — Tratamento de envenenamento pela hera com compressas de alcool.

9.º Ponto — O habito de mascar fumo aumenta as defezas organicas contra as infecções.

10.º Ponto — Tratamento da imbecilidade pelo extrato hepatico.

11.º Ponto — Tratamento de verminose a anemia verminotica pelo extrato hepatico.

12.º Ponto — Resolução dos casos de inercia uterina, com rigidez muscular, desproporção feto-pelvica e nenhuma dilatação, com uma pitada de pimenta do reino e consequente espirro.

13.º Ponto — Aplicação de forceps nos casos em que não ha nenhum sinal de trabalho de parto.

14.º Ponto — Tratamento das hemorragias pela aplicação de esterco de cavalo.

15.º Ponto — Reanimação dos recém-natos pela cachaça.

16.º Ponto — Transfusões sanguineas, na veia, sem previa determinação dos grupos sanguineos. (Eutanasia?)

Semelhante programa só o old doc e o young doc poderiam lecionar. Qualquer outro medico do mundo, até os xamanes modernos, sentiriam vergonha ante semelhantes absurdos.

Felizmente para a classe medica, o Dr. Jerger confessa sua ogerisa ao estudo da medicina, quando escreve: "Cheguei aos 50 anos, e verifico que não é mais nos livros que devo encontrar o que me falta saber. Si meu tirocinio não me ensinar por si mesmo, como poderei encontrar neles novos ensinamentos?" Concordo com o autor, pois com idade tão avançada é impossivel ao young doc aprender medicina, principalmente quando ele deveria começar pelo começo. Após a leitura do seu livro, tem-se a impressão que durante toda sua vida, o autor nunca leu nem bula de remedio.

O livro está cheio de casos absolutamente mentirosos.

Conta Dr. Jerger que uma vez foi procurado por uma jovem esguia, que lhe chegou dizendo que estava para dar á luz uma criança, dentro de poucos momentos.

Não havia a menor sombra de tumor abdominal.

O Dr. Jerger irritou-se e disse que um bébé não era coisa para brincadeira. A moça respondeu: — "Dê-me a sua mão. Aproximou-se, tomou-me a mão e applicou-a sobre o peito. Retirei a mão como si tivesse sido mordido por uma cobra. Foi uma sensação tremenda a que tive ao sentir os batimentos e movimentos de uma criança na região do busto."

A historia dessa moça é a historia comum das jovens que se deixam iludir pelos namorados e procuram esconder o fruto do amôr, para evitar a recriminação do convencionalismo social. Para fugir ao escandalo havia enfachado o abdomen de tal maneira que o utero e seu conteudo, foram deslocados para o torax! . . . Só se pode tirar uma conclusão dessa narrativa: o autor nunca teve oportunidade de vêr ao menos a capa de uma anatomia ou de uma Fisiologia. Pode ser tambem que o autor não esteja em bom estado mental. A um homem normal é impossivel querer incluir num livro serio uma historia propria a barão de Munckausen.

Outro caso interessante. Chamado para ver uma criança com difteria, enquanto preparava o sôro, o doente teve uma crise de asfixia. O nosso homem não perdeu tempo. "Agarrei a solução de cocaina, com ela anestesiiei a garganta, fiz um corte até a traqueia arteria, com um forceps mantive aberta a inci-

são, até que os pulmões se expandissem”, etc. O Dr. Jerger nem sabe o que é garganta, nem o que é forceps.

Cada caso que ele narra, revela sua profunda ignorancia em materia de medicina. Tenho a impressão que ele seria reprovado num exame de historia natural.

Verdadeiramente milagroso o nosso young doc se revela no seguinte caso. Chamado para atender um acidentado, assim o conta: “Encontrei-o com todos os musculos do braço arrancados pelo tiro de uma velha espingarda. A arma, como os projectis, estava suja de esterco, que é muito eficaz para promover a coagulação rápida do sangue.”

Francamente, ninguem poderá acreditar que esse homem seja doutor em medicina. A continuação desse conto da carochinha é muito interessante. Depois de examinar o ferimento, o nosso “Dr.” resolveu fazer um enxerto. Eis como procedeu o milagre. “Depressa desinfetei o abdomen e ai pratiquei duas incisões paralelas, intervaladas de seis polegadas, com seis a sete de comprimento, penetrantes no tecido muscular. Levantei este por disseção na porção intermediaria, fez-se uma passadeira por onde introduzi o ante-braço ferido, que assim se apoiou numa especie de tipoia de tecido humano. Um firme aparelho de ataduras garantiu-lhe a imobilidade necessaria. A circulação na passadeira era sufficiente para sustentar-lhe a vida, e a parte esfolada do braço ficou coberta por esta passadeira de sua propria carne e na mesma temperatura. Não tive duvida quanto ao efeito do enxerto que sobre o braço ferido resultaria desse dispositivo. Dois meses decorreram sem nenhuma das complicações receiadas.

Cortada a passadeira de um lado e do outro e retirado o braço da tipoia, suturaram-se os bordos da ferida.

A porção de musculo abdominal estava sã e firmemente integrada no braço. A não ser um pequeno defeito de supinação e pronação e o fato de não permitir o fechamento completo da mão, o braço estava de novo incorporado como órgão util e prestativo ao corpo de que fazia parte. Vi-o anos depois. Dificilmente se percebia a menor deformidade.”

Não é incrível esse tal Dr. Jerger? Depois de declarar que

todos os musculos haviam sido arrancados, vem dizer que os movimentos voltavam quasi completamente, de tal maneira que muito difficilmente se notava um ligeiro defeito. E diz tambem que tendo retirado 7 polegadas de tecido abdominal — pele, subcutâneo e muscular suturou as bordas da ferida. O doente deve ter ficado como um quasimodo.

Esse caso faz lembrar um de que tive conhecimento. Um rapaz muito vaidoso recebeu um golpe no rosto, que lhe levou bôa porção de tecidos, deixando-o profundamente triste. Procurou um cirurgião especialista em plastica e exigiu um enxerto tão perfeito que ninguem o notasse. Pagaria até com a vida, caso ficasse satisfeito. Teve sorte o doente. O operador era um iniciante, que precisava ganhar nome e procurou realizar a intervenção com toda a arte. O tecido a enxertar ele retirou das nadegas. Tudo correu ás mil maravilhas. O operado ficou satisfeitissimo. Não se podia encontrar o menor sinal do antigo defeito. E a perfeição do enxerto foi tal, que todas as vezes que o sujeito via um sofá ou uma cadeira sentia uma vontade enorme de encostar o rosto no assento.

Como cirurgião o Dr. Jerger vai mais longe. Certa vez foi chamado para ver uma criança que havia caído de uma arvore indo com o joelho sobre a lamina de um arado. A rotula saltou fóra e a articulação ficou exposta. “A ligação da parte inferior com a côxa fazia-se apenas pelos vasos sanguineos, nervos, tendões da curva e pedaços de pele dilacerados.” Depois de proceder a hemostase, o nosso “doutor” ficou pensando o que fazer.

Pensou consigo mesmo que uma perna ancilosada era preferivel a uma perna de pau. Pediu ao pai da criança dois pregos grandes. São suas palavras: “Não havia lixa, atritei-os no chão arenoso até tomarem certo brilho e fervei-os. Aparei as superficies da ponta, enfiei a martelo os pregos nos ossos, obturei todos os pontos que sangravam, transplantei um pedaço de pele da nadega de modo a cobrir o meu trabalho, envolvi a perna em gase, coloquei-a numa caixa almofadada com algodão e, para mais garantia contra vibrações, prenda-a a uma grande almofada. Ao contrario, entretanto do que eu temia, a ferida cic-

trizou sem a minima supuração e depois de ligeiros enxertos aqui e ali, a perna readquiriu a sua validez muito superior á de uma de pau. Anos depois, quando Nick veio com sua familia a Chicago, para ver Century of Progress, eu fiz uma radiografia da perna e nesta os pregos, se mostravam intactos." E' pena que o young doc não tivesse tido a idéia de botar uma dobradiça... O Dr. Jerger parecia ter a idéia de que seu livro não seria lido por pessoas entendidas. Semelhante absurdo somente será aceito por leigos atrazados. Verdade é que os metaes são usados na cirurgia, para assegurar a cura de processos osseos. Mas para isso é necessário que esse metal seja inatacavel pelos liquidos organicos. E' positivamente certo que esses pregos se oxidariam determinando um processo inflamatório. E depois é simplesmente fantastico que esse doutor enxertasse com tanta precisão.

Dr. Jerger depois do esforço de imaginação que fez para criar esse caso, deve ter ficado muito cansado. Não é para menos. A prova disso é que seu proximo milagre, ele não se deu ao trabalho de inventar. Limitou-se a copiar um caso narrado por Cronin em "A Cidadela". O caso em que o Dr. Andrews foi obrigado a amputar o braço de um operário dentro do tunel de uma mina. Tinha havido um desmoronamento e o pobre homem ficára com o braço esmagado sob os escombros. Sendo impossivel removê-lo o medico teve de operar naquele lugar improprio, num esforço para salvar aquela vida que de outra maneira teria perdido. A vitima do Dr. Jerger foi um maquinista que num sinistro ficára com uma das pernas sob uma roda da locomotiva. O nosso homem tambem operou in-loco salvando o doente.

Não ficam ai as aventuras do Dr. Jerger como cirurgião. Outro caso: "Um menino grego acompanhado pelo pai moreno, entrou-me uma vez **claudicando de uma perna**, pelo consultorio. O pai contou-me uma historia triste. Aos oito anos o filho caiu de uma arvore, e fraturára a parte superior da perna direita. Os ossos partidos furaram a pele, aparecendo salientes e a infecção sobreveio. Não havia cirurgião ao alcance a não ser um veterinario, que fez o que pode. O sofrimento do menino foi infernal, e por semanas esteve entre a vida e a morte. Ficou des-

de então estropiado, e o pai procurava-me agora para tentar reparar-lhe o aleijão. A fratura unira-se em **angulo agudo** e a absorpção dos fragmentos osseos déra lugar ao encurtamento da perna em duas polegadas." Depois de dizer que a criança entrava em seu consultorio claudicando, escreve que os ossos se soldavam em angulo agudo. O Dr. Jerger tem imaginação, mas, infelizmente para ele, não sabe mentir. Se os ossos se tivessem soldado em angulo agudo a criança não poderia andar sinão com auxilio de muletas. A parte inferior da coxa e a perna seriam projetadas para a frente, impossibilitadas de tocarem o solo.

O Dr. Jerger talvez não tenha estudado geometria, ou desenho linear, não sabendo por isso o que seja um angulo agudo.

Mesmo assim não tem desculpas, pois si sua ignorancia é tão generalisada não devia ter escrito coisa alguma.

Mas voltemos ao aleijadinho. Dr. Jerger operou a criança **enxertando** (lá vem enxerto!) duas polegadas de osso de carneiro. Ele se diz pioneiro do enxerto heterogenio. Para averiguar isso pedi a Dr. Sarinho que consultasse os tratados e esse meu illustre colega não encontrou o nome do homem uma vez sequer entre aqueles que se dedicaram ao assunto. Esse outro enxerto tambem foi coroado de exito.

Os dois pedaços do femur cresceram e englobaram o osso de carneiro. A criança ficou **completamente restituída ad-integrum!** Essa criança ,quando adulto, foi atropelada por um caminhão que lhe esmagou a côxa que havia sido operada. O Dr. Jerger diz: "Fui ao hospital e vi o doente e no meio do esfacelamento do femur encontrei intactos duas polegadas de osso protegidas por uma placa metalica com as minhas iniciais."

Julguem os colegas esse caso porque eu já não tenho palavras para qualificar a arte cirurgica do Dr. Jerger. Apenas lembro que quando o "Dr." morrer, o Todo Poderoso deve tomar cuidado, para não ser destronado.

Para concluir suas façanhas operatorias o Dr. Jerger conta o seguinte: chamado para operar uma menina que havia levado um tiro ao nivel da bexiga, o young doc fez a laparatomia

e encontrou como unico sinal de passagem da bala, a perfuração da bexiga.

O projétil não foi encontrado, apesar dos esforços do operador. Já convalescente, a doente, certo dia ao urinar, começou a gritar desesperadamente. Momentos depois caia no fundo do vaso um objeto metalico, tinindo como se fosse uma moeda. Diz o Dr. Jerger: "Era a bala. Evidentemente, ao atravessar a bexiga, alojára-se na lado oposto e lá ficára encrustada, até que por processo de separação, fôra expelida, atravessára a ureta e fôra cair ao vaso."

Homem feliz esse Jerger. Quando não lhe era possível obrar milagre, a natureza obrava em seu lugar.

Outro caso digno de nota. O Dr. Jerger examinára certa vez, uma jovem e fizera o diagnostico de tuberculose pulmonar. Dias depois a doente teve forte hemoptise e o nosso homem deu-lhe 48 horas de vida. Essa historia de marcar dia para a morte somente é peculiar aos charlatães. Os medicos conciosos, conhecendo a que ponto chegam as reações organicas, não fazem afirmativas desse jaez. Mas voltemos ao caso da tísica.

Continúa o Dr. Jerger: "No fim do meu praso, ela realmente não tinha ainda morrido, mas quasi não vivia. Declarei que o desenlace estava para cada momento.

De repente, um tremor convulsivo tomou-a toda; a familia chorava ao redor da cama; a morte estava para instantes. Uma tosse espasmodica sobreveio apavorante e um preguinho minusculo saltou-lhe da boca.

A infecção do pulmão, originada pela intromissão daquele corpo extranho, desfez-se e a doente rapidamente se restabeleceu e ao que suponho ainda vive." Este é outro caso em que a natureza obrou em lugar do famigerado Dr. Jerger. Não é possível que alguém no mundo seja capaz de acreditar em tal invencionice. .

Toda gente sabe que a penetração de um corpo extranho nas vias aereas determina crises de sufocação, que não raro chegam á asfixia caso o intruso não seja retirado a tempo. Pois

aquele preguinho entrou no pulmão da doente, silenciosamente, despertando depois um sindromo semelhante ao da tuberculose pulmonar. E o mais engraçado é que os Raios X também foram invocados para o diagnostico. A esse respeito o autor escreve:

“A radiografia não afirmou nem negou.” E o preguinho?

Onde estava ele tão escondidinho? Meus caros colegas, um homem que tem coragem de contar semelhante historia, dando-lhe atributos de verdade, ou é um charlatão, ou tem todas as reações do liquor para diagnostico da lues fortimente positivas. Não quero terminar sem citar um trecho do livro, onde se estampa a ignorancia do autor, alem das fronteiras da medicina. Viajando pela Australia o Dr. Jerger foi levado a ver uma festividade dos aborigenes. Assim se refere aos nativos. “E’ uma gente sem nenhum atrativo.

Pescoço grosso, estupidos, cabeludos, fronte pendente, olhos encovados, nariz grosso, dentes grandes, queixo recuado, pele grossa chocolate ou preta, mas peluda, e **nenhum senso de moralidade.**” Precarissimos são os conhecimentos filosoficos e sociologicos do Dr. Jerger. Dizer que determinado povo barbaro não tem senso de moralidade, tomando como paralelo a nossa moral, é coisa profundamente imbecil. A moralidade varia no tempo e no espaço. Resultante de convenções sociaes, ela é função direta dos costumes, religião, regimen politico, etc., de um povo.

Aqueles indios que o Dr. Jerger viu estavam integrados na moral que eles proprios erigiram, para norma de seu proceder. Talvez eles, embora incultos, não considerassem o Dr. Jerger imoral, o que é lamentavel. Terminando, sr. presidente e meus colegas, eu quero declarar não ter analisado um quarto do livro “Doutor, aqui está seu chapéu”. Escolhi o que ha de mais aberrante, pois se tivesse de criticar da primeira a ultima pagina, teria de escrever um volume, cuja leitura não caberia no ambito de uma sessão, tal é o numero de asneiras que o Dr. Jerger resolveu enfechar num volume.

Literariamente o livro é amorfo. Não é ensaio, não é ro-

mance, não é biografia, nem auto-biografia, não é novela, não é nada. E' um amontoado de casos clinicos hilariantes e incriveis que têm como unico objetivo exaltar a personalidade do autor e do seu chefe como medicos de familia, rebaixando com mentiras e falsidades o valor das especialidades em medicina. Peço a todos os presentes que procurem ler esse livro inacreditavel. Afirmo que é mais divertido do que assistir uma comedia dos Irmãos Max. Em cada periodo ha motivo de riso. Nisso não ha exagero da minha parte. Alem desse lado recreativo, os colegas ficarão em condições de mostrar aos leigos o que é o livro "Dr. aqui está seu chapéu" e quem é o seu autor. Assim evitarão que esse individuo, apologista do charlatanismo, venha a gosar entre a massa, uma reputação de genio, o que já aconteceu algumas vezes.

1871

OFFICE OF THE
SHERIFF OF THE COUNTY OF

INVESTIGATION
OF THE
MURDER OF
JAMES
MURPHY
BY
JAMES
MURPHY

